



LEILA LEHNEN

**“O que me atrai na ficção contemporânea é
a abordagem de temáticas sociais”**

A vida de Leila Lehen sempre foi internacionalizada. Gaúcha, filha de uma empresária indiana com um professor brasileiro, mudou-se com a família para a França quando tinha apenas quatro anos, em seguida seguiu para a Índia. Cinco anos depois, retornou ao Brasil, mas partiu novamente aos dezoito anos: foi estudar literatura na Alemanha. Posteriormente, fez mestrado e doutorado nos Estados Unidos, onde vive.

Professora da Universidade do Novo México, Leila é considerada uma importante especialista em ficção brasileira contemporânea, privilegiada em suas diferentes frentes de produção – das comunicações e conferências aos cursos e ensaios. Esse mergulho é enriquecido pelo seu conhecimento de autores de outros países latino-americanos, cujas obras também aborda, muitas vezes por um viés comparatista.

A clareza com que se posiciona em relação à prosa de nossos dias encontra eco na grande quantidade de ficcionistas que optam por perspectivar a realidade com uma densidade rara em discursos mais controlados, como o da mídia, por exemplo. Isto não significa que negligenciem a forma, ao contrário, o desafio é justamente produzir textos que façam jus à combinação entre arte e criticidade que marca boa parte da ficção moderna.

Assim se explica que Leila tenha privilegiado, entre os autores nacionais a que se dedicou até o presente, nomes associados

à inquietude como André Sant'Anna, Bernardo Carvalho, Fernando Bonassi, João Gilberto Noll e Luis Fernando Verissimo. O mesmo se pode dizer do argentino Osvaldo Soriano, do cubano Reinaldo Arenas e do mexicano Xavier Velasco.

Na entrevista a seguir, concedida a **Dau Bastos** por e-mail, Leila sintetiza sua trajetória e sua atuação como docente nos Estados Unidos, onde infelizmente não avista muita abertura para a literatura estrangeira. Entretanto, suas palavras não deixam entrever desencorajamento, e sim uma grande disposição para trabalhar em prol da ficção contemporânea do Brasil e demais países da América Latina – pela qual demonstra um imenso apreço.

O que a levou a pesquisar, lecionar e escrever sobre a literatura brasileira? Mais que isso: por que o privilégio dos escritos ficcionais de nossos dias?

Meu caminho até a literatura brasileira foi um pouco oblíquo – através da literatura comparada. Só fui descobrir a literatura brasileira fora do Brasil, nos Estados Unidos, durante meus estudos de pós. A descobri pelo viés da teoria – principalmente do feminismo (Clarice via Cixous) e do pós-colonialismo. Foi um pouco pelo viés teórico – dos estudos culturais – que cheguei à literatura brasileira contemporânea. O que me atrai na ficção contemporânea é a abordagem de temáticas sociais (claro que existe uma grande variedade na produção literária atual, mas tendo a me concentrar naqueles textos que acredito terem uma preocupação social – ainda que seja de forma indireta). Vejo a literatura como um reflexo/uma reflexão da sociedade em que existe e tento explorar isso nos textos que estudo/ensino.

Sua produção de artigos é tão plural quanto a própria ficção brasileira contemporânea. Entre os autores cuja obra você analisa, encontram-se nomes de diferentes gerações, com os mais diversos interesses temáticos e buscas estéticas bastante distintas. Como perguntar sobre a existência de um núcleo comum a pautar suas escolhas parece asfixiante, prefiro pedir que comente sua experiência da variedade.

Acho que, na verdade, a maioria de meus interesses se centra na produção literária contemporânea e, como indicado na primeira resposta, em questões sociais. Alguns de meus estudos lidam com outros períodos e são produtos mais do acaso acadêmico do que de uma agenda de pesquisa. O que parece variar mais são os interesses em questões sociais. Tenho estudos sobre a globalização, a cidadania,

a cidade etc. Mas, embora sejam temáticas aparentemente distintas, acredito que exista uma conexão entre elas. Essa conexão seria o interesse por questões de justiça social e como a literatura representa a injustiça social, que meios/formas propõe para combater a injustiça social. Realmente acredito que a literatura dialoga com seu meio social ou pode servir para entender a sociedade. Contudo – e talvez isso seja idealismo ou até mesmo ingenuidade de minha parte –, acredito também que a literatura pode servir como instrumento para se lidar com problemas sociais. E é essa percepção idealista/ingênua que me leva a tentar ver como diferentes textos literários criticam a injustiça social e como podem servir de instrumentos de “combate”.

Os eventos e textos acadêmicos costumam ter pouco público mesmo quando se atêm aos clássicos. Como pesquisadora e professora de uma universidade norte-americana, é de se imaginar que o feedback propiciado pelos seus trabalhos sobre ficção brasileira contemporânea seja ainda mais restrito. No entanto, sua produção é profícua. O que a move?

Interesse, gosto pela leitura e pela escrita, além da própria produção literária atual (mas não só a contemporânea), que me parece bastante boa.

O histórico de tradução da literatura brasileira é irregular, pobre e, por vezes, traumático. Basta pensar que Machado de Assis ainda é pouco conhecido na Europa, Clarice Lispector só conseguiu uma divulgação consistente no exterior graças ao esforço de Hélène Cixous e Guimarães Rosa teve a infelicidade de ver um Grande sertão: veredas completamente estropiado circulando na América do Norte. Ao elaborar um paper

intitulado “Traduzindo o presente: alguns pensamentos sobre a necessidade de traduzir a literatura brasileira contemporânea para inglês”, você cogitaria de podermos melhorar essa situação?

Eu gostaria de acreditar que sim, mas não sou tão otimista. Isso se deve não somente à falta de incentivos de órgãos culturais brasileiros, mas também à insularidade do público leitor norte-americano (não posso comentar sobre o público britânico, pois não o conheço). Simplesmente há pouco interesse pela literatura que não seja norte-americana ou, se é latino-americana, que não se encaixe em certos parâmetros.

Em geral, a ficção tem mais facilidade de conquistar público do que a poesia, uma vez que se estrutura em torno de uma história. Já entre os livros de contos e os romances, o mercado se abre com mais facilidade àqueles que eletrizam. Diante desse quadro incontornável, existe a possibilidade de a conquista de espaço pela ficção brasileira no exterior reproduzir os moldes conhecidos, ou seja, de privilégio do exótico, do thriller, dos gêneros massificadores, em detrimento da carpintaria literária?

Sim. Assim como há certas expectativas sobre a literatura latino-americana de fala espanhola, também as há em relação à literatura brasileira. Hoje em dia acho que a violência e a experiência da “autenticidade” vendem. Por “autenticidade” me refiro a gêneros que deixam o leitor norte-americano com um sentimento de “bom samaritano” (ou seja, “estou lendo sobre essas pobres pessoas, esta leitura me transforma numa pessoa melhor”). Claro que isso é principalmente comum entre o público leitor acadêmico. Textos que mostram uma cara menos estereotipada do Brasil (e da América Latina em geral)

muitas vezes não são vistos como “autênticos”. Infelizmente acho que essa percepção ainda persiste e é apoiada pelo ímpeto das universidades norte-americanas de “vender” seus cursos, de conquistar os estudantes apelando justamente para imagens estereotipadas do Brasil.

É lugar-comum entre agentes literários e editores que, na maior parte das vezes, a tradução do livro brasileiro resulta do interesse, por parte do tradutor estrangeiro, em verter aquele título específico para sua língua. Como instância igualmente conhecedora dos textos no original, que papel pode desempenhar a universidade no sentido de estimular a tradução?

Eu gostaria de pensar que a universidade poderia desempenhar um papel importante no estímulo da tradução, mas infelizmente não acredito que seja o caso. Não temos muita influência sobre aquilo que é traduzido ou não.

Qual a relação entre o meio acadêmico, o mercado editorial e a mídia dos Estados Unidos no que concerne à ficção brasileira contemporânea?

Acho que não existe uma relação.

Aproveitando que você trabalha, em igual medida, com espanhol e português, pediria que traçasse um paralelo entre a ficção brasileira contemporânea e a ficção dos demais países latino-americanos na atualidade, no tocante à recepção nos Estados Unidos.

Como a literatura brasileira, a de fala espanhola (latino-americana) também tem que enfrentar as expectativas de um público leitor que

espera realismo mágico, miséria, “outredade”, violência e outros clichês. Nas universidades, há também os limites das listas de leitura para exames de mestrado e doutorado, que se atêm a um cânone (em minha opinião, bastante antiquado). Mas claro que a difusão de textos de fala espanhola é muito maior do que a de textos brasileiros. Primeiro, há muito mais acadêmicos trabalhando com textos sul-americanos e muito mais estudantes de literatura latino-americana. Depois, há mais interesse por parte de editoras e de tradutores em difundir os textos latino-americanos por aqui. Há também a ideia de que o Brasil produz música e cinema (mais recentemente), mas não produz literatura. Os próprios acadêmicos contribuem para difundir essa noção, já que muitas vezes privilegiam a produção musical e/ou cinematográfica. Quanto aos escritores latino-americanos, têm a “vantagem” de estar inseridos em uma produção literária mais conhecida. Não obstante, muitos escritores latino-americanos mais jovens também têm dificuldade de fazer circular seus livros, que são comparados com a produção dos “grandes” da literatura latino-americana. E se suas obras não se encaixam em um certo padrão de expectativas – acadêmicas ou populares –, também não são reconhecidas.

Diz-se que o Brasil passou séculos com um índice de analfabetismo tão alto que não conseguia ter leitores e, quando finalmente começou o processo de universalização da educação, foi invadido pela televisão, que, como sabemos, oferece a dose de narrativa de que o ser humano pode precisar sem exigir que ele saiba ler. Assim se explicariam os dados comprobatórios de que, de nação iletrada, passamos a país pouco dado a abrir livros e mais atento a telenovelas do que qualquer outro. No entanto, a mesma mídia eletrônica que concorreu com a leitura acabou por estimulá-la,

ao desenvolver a internet. Tendo em conta que você organizou o painel “Geração McUnáima? Novos manuscritos de computador no panorama da literatura brasileira contemporânea”, gostaria que discorresse sobre o papel da informática e da internet em meio ao conjunto de fatores passíveis de explicar o notável aumento no número de autores brasileiros nas últimas décadas.

Acho que hoje em dia a internet serve para difundir a literatura entre um público que já tem um certo conhecimento da produção literária em questão. O Facebook, por exemplo, é uma ótima fonte de disseminação de lançamentos, saraus, iniciativas culturais. Páginas de web de editoras e revistas literárias que têm uma versão eletrônica também são bons veículos de informação sobre novos livros e autores. Outra fonte que poderá ser importante na difusão de obras literárias contemporâneas é o livro em formato eletrônico. Se os autores brasileiros começam a publicar mais em formato eletrônico e este formato se torna acessível internacionalmente (pela Amazon, por exemplo), será muito mais fácil não só ficar conhecendo o que está acontecendo no Brasil – para os pesquisadores que estão fora do país –, mas também usar esses textos em sala de aula.

Agora, como meio de produção, acho que a internet não pegou. Houve algumas tentativas de se criar textos tipo folhetins eletrônicos ou romances na internet, mas a experiência não prosperou. Ou então funcionou por um período limitado e depois definhou. Nesse sentido, acho que a literatura ainda é bastante “tradicional”. Mas, nesse contexto, não acho que “tradicional” seja um qualificativo negativo.

Como professora de português, você certamente usa não somente literatura, mas também música, cinema e outras artes. Entretanto, seus

escritos, palestras e comunicações indicam claramente sua predileção por narrativas publicadas em livro. O que diria sobre o uso didático desse conjunto de produtos da imaginação e acerca do papel específico desempenhado pela literatura?

Acho que música, vídeo e cinema são excelentes instrumentos para o aprendizado da língua, da cultura e da sociedade de um país. O mesmo se pode dizer da literatura. A dificuldade com a literatura é que pressupõe um conhecimento da língua (a menos que se consiga textos em tradução, coisa ainda bastante difícil quando se trata de obras literárias brasileiras contemporâneas) que as outras expressões não necessariamente pressupõem. Mas por isso mesmo a literatura pode ser um instrumento muito interessante no ensino. Pode incrementar o processo de aprendizado, ao desafiar o estudante. Outra dificuldade é que os estudantes se sentem mais atraídos por expressões culturais não literárias (muitos não têm o hábito da leitura). Mas, novamente, a literatura pode ser usada justamente para ajudar o estudante a desenvolver novas capacidades. Em geral, acho que uma combinação de vários artefatos culturais é ideal, quando se trata da experiência pedagógica.